

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
RIO GRANDE DO SUL - *CAMPUS OSÓRIO***

PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM EDUCAÇÃO BÁSICA E PROFISSIONAL

JULIANA SELLE VINSKOSKI

**TURBANTE: CULTURAS E SUAS REPRESENTAÇÕES COMO UMA
FERRAMENTA ANTIRRACISTA**

TURBAN: CULTURES AND ITS REPRESENTATIONS AS AN ANTI-RACIST TOOL

**Prof. Dr. Alexandre Ricardo Lobo de Sousa
Orientador**

Osório

Março, 2025

Resumo: O turbante é uma representação cultural utilizada por diversos povos, especialmente os africanos, como também os indianos, os árabes, entre outros. Acabou se espalhando pelo mundo, e passou a ser considerado patrimônio cultural mundial. Com a vinda dos africanos para o Brasil, trazidos para trabalhar como escravos, por muito tempo, o turbante passou a ser reconhecido como elemento de religião afro-brasileira e, por muitas vezes, visto com preconceito. Nos dias atuais, é considerado um símbolo de resistência do povo negro, colocando em questão: quem pode utilizá-lo. A partir disso, o turbante pode ser utilizado como uma ferramenta pedagógica antirracista, através da abordagem de seu significado cultural. Daí a funcionalidade do turbante: destacar e apontar os elementos negros existentes em nossa sociedade. Esta pesquisa é do tipo de campo e se deu pela realização de observações em diversos espaços nas cidades litorâneas do Rio Grande do Sul e em oficinas de amarração de turbantes, nos quais foi possível realizar uma análise de reflexão sobre a importância do conhecimento, sobre os significados do uso do turbante, bem como, a sua utilização como um elemento de educação antirracista aplicado na sociedade onde vivemos. Portanto, este trabalho/esta pesquisa objetivou demonstrar que o turbante é um elemento cheio de significados presentes como representações culturais e juntos podemos reconhecer o seu uso como um ato de resistência a fim de romper os preconceitos deixados no transcorrer da história do nosso país e na sociedade onde vivemos.

Palavras-chave: turbante, cultura, educação, antirracismo

Abstract: The turban is a cultural representation used by various peoples, especially Africans, as well as Indians, Arabs, among others. It spread throughout the world and came to be considered a world cultural heritage. With the arrival of Africans in Brazil, brought to work as slaves, the turban was long recognized as an element of Afro-Brazilian religion and, often, viewed with prejudice. Nowadays, it is considered a symbol of resistance for Black people, raising the question of who can use it. From this perspective, the turban can be used as an anti-racist pedagogical tool by addressing its cultural significance. Hence the functionality of the turban: to highlight and point out the Black elements existing in our society. This field research was conducted through observations in various spaces in the coastal cities of Rio Grande do Sul and in turban-tying workshops, in which it was possible to carry out a reflection analysis on the importance of knowledge about the meanings of turban use, as well as its use as an element of anti-racist education applied in the society where we live. Therefore, this work/this research aimed to demonstrate that the turban is an element full of meanings present as cultural representations, and together we can recognize its use as an act of resistance in order to break the prejudices left throughout the history of our country and in the society where we live.

Keywords: turban; culture; education; anti-racism

1. Introdução

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre o uso de turbantes em diversos espaços em nossa sociedade, no cotidiano, na escola, na religiosidade e em espaços culturais. Pode ser utilizado como uma ferramenta antirracista e o estudo da sua trajetória perpassa diversas tradições e significados culturais. Seu uso vai além de ser apenas um pano enrolado na cabeça como acessório, trata-se de um elemento que carrega uma bagagem de histórias e significados e, com isso, possibilita as discussões sobre raça, classe e gênero.

Assim, por não possuir uma origem exata, foi adotado por vários povos ao redor do mundo, sendo considerado patrimônio cultural mundial.

No período em que o Brasil foi Colônia de Portugal, no século XVI, os primeiros africanos foram trazidos e escravizados, oriundos, em sua maioria, das regiões de Costa da Mina, Angola e Benin. Eles eram identificados pelas etnias que habitavam nessas regiões e separados por grupos linguísticos, os bantos e os yorubás, que, conforme estudo de Marina de Mello e Souza, eram:

“Agrupados no que os colonizadores portugueses chamaram de minas, cabindas, congos, cassanjes, angolas, benguelas e moçambiques, entre outras designações, estavam pessoas vindas de várias sociedades, e falantes de línguas diferentes, apesar de alguma semelhança entre si.”(Souza, 2014, p.62)

Esses grupos étnicos africanos, conhecidos como nações, que se espalharam pelo território brasileiro, acabaram influenciando a cultura brasileira no uso do turbante, através dos grupos de religião de matriz africana, como o Candomblé e suas vertentes.

Conforme as características, o modo de amarrar o turbante continua sendo um fator de identificação entre grupos sociais e culturais e, até esta segunda década do século XXI em que estamos vivendo, motivando diversos debates sobre o sentido de seu uso.

Se para os indianos ele representa uma posição social; para os grupos de pessoas antirracistas e feministas, notadamente aqueles de matriz africana, ele foi adotado como símbolo de resistência para “desafiar as injustiças da supremacia masculina”(DAVIS, 2016, p.53). Além disso, tornou-se parte da cultura brasileira e tem gerado diversas discussões sobre quem “pode ou não” usá-lo, visto que muitas pessoas o consideram um elemento de representatividade do movimento negro. Hoje

é fato que têm ocorrido diversas discussões sobre quem “pode ou não” usá-lo, pois “todo mundo tem lugar de fala”, e reconhecer nosso lugar de fala é importante, porque todos falamos de um lugar social (RIBEIRO, 2019, p.31). Além disso, é necessário “discutir a branquitude”, pois, no Brasil, de uma forma geral, o turbante é visto como um elemento de representatividade do movimento negro, bem como, um símbolo de resistência (RIBEIRO, 2019, p.31). Mas entendemos que a cultura é dinâmica e seu uso pode se estender a todos que buscam seu significado.

Quando identificamos a cultura, conforme Roque de Barros Laraia:

“ Estudar a cultura é estudar um código de símbolos partilhados pelos membros dessa cultura.”(LARAIA, 1986, p.64 , Cultura um conceito Antropológico

O estudo dessa temática leva a busca de várias reflexões sobre a formação educativa e antirracista na nossa sociedade notadamente influenciada pela cultura negra, mas ainda se apresenta bastante discriminatória e racista, o que nos faz afirmar a importância das análises e estudos para romperem com esses preconceitos existentes seja com os integrantes das religiões de matriz africana, seja com os significados e símbolos culturais espalhados pelo mundo.

Ao identificar o uso do turbante tendo conhecimento se seus significados culturais, seja ele uma amarração estilo afro, por exemplo, é um importante passo para não ser considerada uma apropriação cultural. Pois a apropriação cultural é quando a pessoa toma para si símbolos que representam a cultura como uma forma de dominação e não identificar essas identidades e seus significados originais.

Quando representamos o turbante como identidades culturais, no Brasil, estamos nos referindo, como um elemento de resistência.

Assim, o seu estudo e representatividade pode ser utilizado como um elemento de estudo aplicado na educação antirracista em diversos ambientes. Quando saio de casa usando um turbante, no trajeto até a escola que trabalhava, que fica em um bairro da zona norte do município de Imbé, seja na escola ou na rua, por exemplo, em uma parada de ônibus, as pessoas olham desconfiadas e com

preconceitoou no grupo de ativismo antimachista e antirracista.

Faço parte de um grupo religioso de matriz africana, conhecido como Nação Cabinda, que faz parte do grupo linguístico yorubá, uma das etnias africanas que vieram para o Brasil, e quando saímos na rua seja para ir ao mercado, percebo no olhar das pessoas com julgamento pela nossa escolha de representação religiosa. Aos educandos a minha volta, quando vou para a escola de turbante traz um impacto forte que proporciona a abertura para uma reconfiguração do entendimento sobre a importância da diversidade cultural, bem como a identificação dos estudantes que também participam de manifestações de religiões de matriz africana.

Daí a funcionalidade do turbantes: destacar e apontar os elementos negros existentes em nossa sociedade. É bem como afirma Djamila Ribeiro:

“Devemos aprender com a história do feminismo negro, que nos ensina a importância de nomear as opressões, já que podemos combater o que não tem nome. Dessa forma, reconhecer o racismo é a melhor forma de combatê-lo. Não tenha medo das palavras “branco”, “negro”, “racismo”, “racista”.(RIBEIRO, Djamila, 2019, p.21)

Penso que ao utilizar o turbante no nosso cotidiano, deixo claro a cultura em que me inspiro e que estou falando por meio desse símbolo de resistência. Nesse sentido, teço algumas considerações sobre a questão do lugar de fala me identificando com as ideias desenvolvidas por essa pensadora antirracista brasileira. Apesar de ter a minha cor de pele branca e ser descendente de poloneses, tenho uma prática muito ligada com a religiosidade de matriz afro-brasileira, nação de Cabinda e Umbanda.

2. Procedimentos metodológicos

O presente estudo utilizou o método de pesquisa bibliográfica para coleta de dados em busca de informações ligadas aos estudos teóricos sobre o uso de turbantes e dos registros históricos e culturais.

Além disso, foi realizada uma pesquisa qualitativa que leva em consideração os dados coletados, a partir de observações dos alunos e professores nas escolas em que trabalho e em eventos culturais, e, na trajetória para participar dessa atividades, em encontros de oficinas de turbantes.

Sempre buscando fazer questionamentos, reflexões e compreender, na prática, os significados e representações do uso dos turbantes em diversos espaços da sociedade, como tema de estudo escolhido para este artigo.

Interessante a observação de quando saio na rua utilizando o turbante, percebi como as pessoas veem o seu uso na nossa sociedade, bem como seus olhares que se manifestam ao encontrar pessoas usando turbante na rua ou em eventos dos mais diversos. Vivenciei essa experiência quando estava na parada do ônibus, no município de Imbé, e um menino foi chegando, quando me viu deu um passo atrás quando viu que eu estava utilizando um turbante.

3. Revisão Bibliográfica

Neste trabalho, apropriei-me do estudo das ideias defendidas por Djamila Ribeiro, 2019, notadamente utilizei os conceitos de educação antirracista para uma reflexão de identificar e lutar contra o racismo presente no nosso dia-a-dia em nossa sociedade.

Quando usamos elementos que representam a cultura que não seja de origem europeia, “afinal, o antirracismo é uma luta de todas e todos.” (Ribeiro, 2019. p 15). Com isso, vai além da cor de pele das pessoas para se engajar em movimentos antirracistas, conforme a autora citada escreveu em seu livro O que é lugar de fala? “Todo mundo tem lugar de fala, pois todos falamos de um lugar social. Portanto, é muito importante discutir a branquitude.”

A autora também explica essa ideia questionada de lugar de fala “e a partir disso, é possível debater e refletir criticamente os mais variados temas presentes na sociedade.”(Ribeiro, 2019, p.39)

Além dessa autora brasileira, me inspirei nas construções da norte-americana Angela Davis, que continua se manifestando na luta por uma sociedade mais justa, fraterna, igualitária e antirracista, exterminando assim toda forma de discriminação e preconceito, seja de raça, gênero ou classe. Parece ser nesse sentido que em seu livro, principalmente no capítulo sobre Educação e libertação, a perspectiva das mulheres negras é bastante interessante para esta luta tão importante, tanto no campo educacional, bem como no campo cultural. Nessa obra onde a autora aborda a união das mulheres brancas e negras na luta por uma educação libertadora, rompendo com os padrões historicamente segregacionistas educacionais fica bem

evidenciado:

“Não poderia ser mera coincidência histórica o fato de que tantas mulheres brancas que defenderam suas irmãs negras nas situações mais perigosas estivessem envolvidas na luta pela educação.” (Davis, 2016, p.112)

Nesse sentido, fica claro que a luta antirracista é uma pauta de todas as pessoas independentemente da sua cor de pele.

Outra autora que utilizei neste trabalho foi Bell Hooks, com suas criações acerca do desenvolvimento de uma escola antirracista que vai além dos conhecimentos que rompem as paredes das escolas, contribui para formarmos uma sociedade antirracista, conforme cita a autora:

“Se não conseguimos perceber o valor e o significado de indivíduos brancos antirracistas, não apenas desprezamos o trabalho que eles fizeram e fazem para transformar seus pensamentos e comportamentos como também impedimos que outras pessoas brancas aprendam com o Qualquer pessoa que negue a possibilidade de essa mudança ocorrer, de uma pessoas passar de racista para ativamente antirracista, está agindo de acordo com as forças racistas de dominação existentes,”(Hooks,152, p.1)

A partir dessa ideia encontrada em sua obra “Ensinando a comunidade: uma pedagogia da esperança” podemos buscar unir a todas aquelas pessoas que realizam atividades voltadas a uma educação antirracista dentro e fora das escolas.

Esse estudo vem de acordo com a lei 11.645 de março de 2008, que estabelece a obrigatoriedade do estudo de história e cultura afro-brasileira e indígena no ensino fundamental e médio do ensino público e privado no Brasil. Por isso, é importante reconhecer os elementos que compõem uma educação antirracista como forma de identidade cultural na sociedade onde vivemos.

E, complementando os estudos ligados à educação antirracista, que inclui nesse enfoque do tema, não poderia deixar de citar o professor Paulo Freire, na sua obra “Pedagogia do Oprimido”, a partir dessa leitura percebi a importância de construir estudos e aprendizados através de reflexões sobre nossa realidade.

É importante reconhecer a estrutura que leva o oprimido à condição de considerar a sua cultura inferior à cultura dominante e, por isso, se faz necessário a construção de uma identidade na resistência como sujeitos atuantes na nossa

sociedade.

“Por tudo isto é que defendemos o processo revolucionário como ação cultural dialógica que se prolongue em “revolução cultural” com a chegada ao poder. E, em ambas, o esforço sério e profundo da conscientização, com que os homens, atra vés de uma práxis verdadeira, superam o estado de objetos, como dominados, e assumem o de sujeito da História.” (Freire, 1970, p.91)

Esse é o papel importante como educadora exercido na sociedade, integrar conhecimentos, rompendo preconceitos e incentivando ao reconhecimento como ser o sujeito da nossa própria identidade, sem deixar dominar por padrões e ideias dos dominantes de poder que influenciam nas culturas locais.

4 - Histórico dos turbantes pelo mundo

No início, o estudo foi direcionado para o significado histórico, sobre o qual não há registros exatos da origem dos turbantes, mas foi adotado por integrantes de diversos povos antigos, sendo usado por homens e mulheres em muitas culturas para representar a sua religião, sua posição social ou função na sociedade.

Porém, quando os turbantes se espalharam pelo mundo como um acessório de moda o seu uso foi muito criticado pelo seu valor cultural, levando ao debate sobre o sentido de apropriação cultural por aquelas pessoas que utilizam do turbante sem levar em consideração o seu significado ancestral, bem como suas representações culturais.

O uso de turbantes aparece em várias civilizações, muito antes da era cristã, tem indícios de seu uso pelos os faraós egípcios, pelos persas, pelos árabes, pelos judeus, pelos lídios, pelos tunisianos, pelos indianos. Assim, foi identificado em diversas etnias e épocas diferentes, conforme afirma Leventon(2009).

Dentro do contexto atual, ainda é comum o uso de turbantes na Índia, em Bangladesh, no Paquistão, no Afeganistão, no Oriente Médio, no norte da África, no leste da África, no sul da Ásia e em algumas regiões da Jamaica.

No Oriente é usado pelos homens para demonstrar sua função religiosa e sua importância dentro da sociedade, quanto maior o turbante, mais importante é sua posição social ou religiosa, muito antes da chegada do islamismo em algumas

regiões. Podemos citar o exemplo dos adeptos da religião monoteísta indiana Sickn fundada no século XV, no Punjab, região que hoje está dividida entre a Índia e o Paquistão, onde os homens e mulheres não podem cortar os cabelos e por isso eles enrolam com turbantes para proteger os cabelos das impurezas do mundo, porque para eles a cabeça é considerada sagrada e representa igualdade, humildade e respeito às tradições religiosas, gerando um centro de energia quando realizam as suas meditações. Os turbantes sickn medem em torno de 6m e meio ou maior e as cores podem variar para combinar conforme seu estado de espírito e com sua roupa, mas na dúvida preferem a cor preta.

Nas regiões de deserto, os árabes utilizam turbantes formados por um lenço quadrado, chamado keffiyeh, nome que foi relacionado à Kufa, uma cidade que fica localizada ao sul de Bagdá, onde teria originado seu uso devido à identificação dos árabes em uma batalha com os Persas.

Possui pelo menos quatro tipos de amarrações diferentes conforme a região e é comum usar para proteger a cabeça evitando queimaduras do sol, poeira e areia. Hoje se popularizou o keffiyeh, devido aos ataques ao povo palestino, se espalhando pelo mundo, o acessório usado pelos homens palestinos.

No continente africano, o turbante passa a ser chamado de Ojá, possuindo diversidade étnica e várias formas de amarração representando um significado diferente na sociedade, fazendo parte da indumentária e combinando com a estampa da roupa em eventos sociais.

Mas, de uma coisa sabemos, os turbantes são mais do que acessórios, são usados para proteger a cabeça. Na Nigéria, por exemplo, é usado para identificar as famílias e elas possuem a mesma estampa de tecido e forma de amarrar. Inclusive em algumas regiões o turbante é considerado a coroa identificando seus líderes.

Na etnia africana Fula, em Guiné Bissau, o turbante é usado para muitas coisas, mas principalmente para mediação de conflitos. Quando duas pessoas estão brigando, se uma delas retira e entrega o turbante significa perdão e encerra a briga.

No Brasil, veio no século XV com os africanos escravizados junto com as suas culturas. Sendo assim, os participantes das religiões de matriz africana, até os dias de hoje, chamam de turbante ou Ojá, podendo ser de tecido, renda e de cores diferentes para representar um Orixá durante as festividades religiosas.

O turbante tem um significado especial nas religiões africanas, pois protege a

cabeça(ori) e promove, assim, uma ligação com a espiritualidade, como proteção dos pensamentos e da fé.

Através das navegações europeias ligando o Oriente ao Ocidente, a troca cultural se intensificou e o uso de turbantes ficou comum pelos navegadores e marinheiros a partir do século XVI, se espalhando pelas sociedades europeias.

Os artistas europeus passaram a usar um turbante de tecido fino para proteger o cabelo das tintas, como exemplo do auto retrato da pintora Elisabeth-Loise Vigée-Lebrun aparece com um turbante, obra do século XVIII, Márcia Pinna Raspanti, complementa:

“Por volta de 1910-20, o costureiro francês Paul Poiret trouxe os turbantes de volta ao cenário fashion. Coco Chanel também iria aderir ao adereço. A moda, porém, realmente se popularizou no final dos anos 30, com a eclosão da II Guerra Mundial. Em tempos difíceis, os práticos turbantes se tornaram uma ótima ajuda para disfarçar cabelos mal cuidados. Muitas atrizes de Hollywood aparecem retratadas com glamorosos turbantes nos anos 20 a 40. No Brasil, Carmen Miranda iria adotar o acessório no seu figurino. Nos anos 60, o turbante ressurgiu como símbolo da cultura negra, nos movimentos que lutavam pelos direitos civis.”
(RASPANTI, 1910, p.23)

No Brasil, por meados da década de 1940, inspirada nas tradicionais baianas, a cantora Carmem Miranda, no Rio de Janeiro, popularizou o uso de turbante contendo frutas que acabou se tornando a caracterização de seu estilo, ficando conhecida por se apresentar com esse figurino.

A maioria das pessoas, na sociedade atual, não tem conhecimento da história dos turbantes espalhados pelo mundo, então, não conseguem perceber a sua importância como um símbolo de resistência e conexão ancestral conforme a cultura que ele representa.

Através da análise da observação das reações de algumas pessoas, quando vou ao mercado, localizado na região central, no município de Imbé, frequentado por pessoas de diversas classes sociais, tanto da classe média quanto da classe alta, por exemplo, ao me verem com turbante, mostram reações diferentes. Mas, em

geral, há um certo preconceito com olhares desconfiados.

Em contrapartida, em eventos culturais, seja em feiras do livro, escolas ou pontos culturais, o diálogo sobre turbantes e as diversas formas de seu uso desperta curiosidade nas pessoas que estão participando do evento, incentivando uma troca de conhecimentos e reflexões pela diversidade cultural conforme a região e a localidade da importância de seu uso.

O estudo do tema foi realizado em fontes bibliográficas sobre o questionamento de como é vista uma pessoa branca usando um turbante, que é conhecido como um símbolo de resistência negra e, através da leitura de livros das escritoras Ângela Davis e Djamila Ribeiro e dos artigos acadêmicos, com abordagem sobre esses questionamentos.

Depois de realizada a leitura de um artigo escrito pela Mestre em Educação Gabriele Costa Pereira, que realizou um estudo do turbante como uma ferramenta antirracista. Trazendo um histórico da utilização do turbante por diversos povos e se espalharam pelo mundo. Essas autoras contribuem para a prática de utilização do turbante na educação escolar e em outros espaços educativos. Como proporcionam ainda a ampliação da reflexão sobre esse tema e ensinar práticas pedagógicas a partir dele para combater o racismo, como uma forma de utilizar como um elemento de relações antirracistas.

Como traz a filósofa Djamila Ribeiro no livro *Pequeno Manual Antirracista*, 2019, alguns exemplos históricos sobre situações da própria autora de racismo e que todos devemos conhecer as políticas públicas educacionais afirmativas no combate do racismo estrutural e participar em na sociedade como uma luta de todos nós.

O livro "Lugar de fala", da filósofa Djamila Ribeiro, 2019, aborda que todos nós podemos falar sobre os assuntos do lugar onde estamos socialmente e, com isso, fazer com que esses grupos sociais, que foram silenciados durante o nosso processo histórico colonial brasileiro, possam ser vistos e ouvidos.

Através da experiência com o uso do turbante, quando vou trabalhar na escola, no município de Imbé, usando turbante, utilizo transporte público, na parada de ônibus, na rua, as pessoas olham desconfiadas com um preconceito identificando o uso do turbante com pessoas de religião de matriz africana, as quais têm o direito de usar onde elas quiserem, com respeito às suas escolhas.

Todas as pessoas podem usar a identificação de seu grupo social e cultural, no caso, da religiosidade, seja afrobrasileira ou siks, onde se tem muito respeito ao

se utilizar o turbante, como uma forma de reverenciar as ancestralidades religiosas, continuando suas tradições.

Em contrapartida, nos eventos culturais, nas escolas quando são abordados alguns significados do uso do turbante, como forma de identificar a posição social das pessoas, conforme alguns grupos africanos é como se fosse a coroa dos líderes de uma região.

Já nas religiões de matriz africana, o turbante ou ojá, é utilizado para proteger o Ori(cabeça), que é onde fica a ligação com seu Orixá, que orienta os seus pensamentos, portanto, um importante elemento de ligação do que se considera sagrado. Assim, é muito relevante que as pessoas passem a entender um pouco da sua importância cultural.

É muito relevante esse estudo sobre a estrutura que temos hoje em nosso país como um resultado histórico e como diz a feminista e ativista Ângela Devis “numa sociedade racista, não basta ser racista. É necessário ser antirracista” na obra “Mulheres, raça e classe”.

5. Resultados e discussões

Notas sobre a prática educativa antirracista por meio do elemento turbante

Durante o período do Curso de Pós-Graduação em Educação do Instituto Federal de Educação Campus Osório, realizei um questionamento através de uma intervenção cultural com meus alunos que cursam a 2ª série do Ensino Médio, na Escola Estadual de Ensino Médio 9 de Maio, localizada no município de Imbé, RS, na qual sou professora da disciplina de Sociologia, um dos conteúdos abordados foi sobre cultura e sua diversidade em que aparece na sociedade onde vivemos.

No mês de setembro de 2024, fui para a escola que possui em torno de 800 alunos, nas turmas de 2º ano do Ensino Médio, em torno de 130 alunos responderam a pergunta.

Particpei das aulas usando um turbante e lancei uma pergunta aos alunos: *O que você pensou quando viu a professora de turbante em aula? Qual a impressão, a partir do seu conhecimento, que você tem quando vê uma pessoa na rua usando um turbante?*

A maioria dos alunos, em torno de 65 indivíduos, respondeu que não se importavam com a professora estar de turbante, porque achavam que era o estilo de

se vestir. Outros, em torno de 45 alunos, responderam que achavam que a professora estava de turbante devido a alguma obrigação em relação à religião de matriz africana de nações do RS, e 20 alunos responderam que nem perceberam que eu estava de turbante e que isso não fazia diferença nenhuma.

Na Escola Municipal de Ensino Fundamental Manoel Mendes, na qual também trabalho como professora de História do 6º ao 9º ano, os alunos de 6º e 7º anos demonstraram mais questionamentos e preconceito, utilizando um linguajar estereotipado em relação ao turbante como “coisa de macumbeiro”, que a professora “parece uma baiana”, perguntaram porque eu estava com aquele lenço no cabelo e, logo, perguntaram qual era a minha religião.

Nos 8º e 9º anos, já elogiaram achando bonito, também perguntaram se ele estava de turbante pela religião e algumas alunas vieram conversar comigo por participarem de religiões de matriz-africana, como Umbanda e Nação africana do RS e se sentirem representadas, abrindo espaço para uma troca de conhecimentos sobre a participação delas dentro da religião afro brasileira, porque geralmente elas não se manifestam e não falam muito sobre sua religião, por sentirem um certo preconceito em relação à sua escolha religiosa.

5.1 - Oficina de turbantes para desmistificação do adereço

Durante o mês de novembro, recebi alguns convites para fazer a Oficina de Turbantes, principalmente em escolas, para conversar sobre a história, os significados, as amarrações e as representações do uso do turbante, logo após essa conversa, os alunos vão aprendendo algumas amarrações de turbantes e fazem seus relatos de como se sentiram fazendo parte de uma atividade cultural rompendo as barreiras de preconceitos e reconhecendo o turbante como símbolo de resistência e empoderamento.

A convite do NEABI IF Campus Osório, participei da programação do Novembro Negro, na atividade Oficina de Tranças Afro e Turbantes, realizado no dia 05 de novembro de 2024.

Iniciamos falando um pouco sobre a diversidade da história dos turbantes, as variações de significados culturais, e a sua importância como elemento de resistência em relação à cultura afro no Brasil, que, nos dias de hoje, aparece em diversos tecidos e estampas, conforme a ocasião em que for utilizá-lo, assim como as diversas formas de amarrações.

Uma participante se prontificou a experimentar as formas de amarrações em tecidos diferentes, buscando sentir o turbante como forma de empoderamento e, principalmente, valorizando ainda mais os seus significados culturais. No dia 18 de novembro de 2024, fui convidada pela Escola Municipal de Educação Especial Professora Jusseni, localizada no município de Imbé, a participar do Projeto Saber Viver, no qual, durante a semana, realizaram várias atividades relacionadas à Semana da Consciência Negra.

Nesta data, realizei a Oficina de Turbantes com a participação de 24 alunos ao total e 08 professoras, nos turnos da manhã e tarde. Foi uma experiência muito gratificante poder compartilhar o significado cultural afro de resistência contra o preconceito e realizar a Oficina de Turbantes com crianças e adolescentes com deficiência. As turmas de alunos são reduzidas, com no máximo 10 alunos e no mínimo 6 alunos por turma, conforme a faixa etária, que varia de 08 a 12 anos e do 6º ao 9º ano. Após uma conversa sobre o significado dos turbantes, os alunos que quisessem podiam participar da Oficina de Turbantes, alguns gostaram tanto que quiseram ficar o restante da aula com o turbante, se sentindo muito felizes e carinhosos ao participar da atividade junto com suas professoras.

No encerramento da Semana da Consciência Negra, no dia 22 de novembro de 2024, fui convidada a realizar a Oficina de Turbantes na Escola Municipal de Ensino Fundamental Manoel Mendes, localizada no município de Imbé, com a turmas de 1ª e 2ª série do Ensino Fundamental, com total de 26 alunos e 2 professoras. Realizamos uma conversa de reflexão de celebração da riqueza da diversidade, identidade cultural afro-brasileira através dos turbantes. Durante a oficina, os alunos podiam escolher uma cor de tecido para o turbante e ao se olharem no espelho, abriam um sorriso se identificando com seu turbante, na qual foram para suas casas com eles para mostrar a atividade realizada para suas famílias.

O Espaço de Arte e Cultural Bahobah, localizado na Av, Santa Rosa, 1888, no centro de Imbé, RS, me convidou a realizar uma atividade com o tema: Roda de Conversa e Oficina de turbantes, abordando os significados culturais dos turbantes e suas representações, no Projeto 60+, atividades direcionadas às pessoas com mais de 60 anos de idade. No dia 27 de novembro de 2024, realizamos a atividade com início às 16h, contando com a participação de 5 pessoas. Inicialmente sentamos em círculo e fiz uma auto apresentação e então iniciamos um diálogo sobre os turbantes, mencionei um pouco do histórico dos turbantes espalhados pelo mundo e

algumas integrantes comentaram que pela década de 60, 70 as mulheres usavam mais turbantes como acessório de moda, mas depois foi se perdendo o costume de usar, até porque hoje temos mais alternativas para chapéus e bonés.

Esse encontro foi de grande importância para o resgate do uso de turbantes principalmente por mulheres e também conhecendo um pouco sobre as histórias e significados culturais de seu uso. Após a conversa, algumas pessoas trouxeram seu lenço, e também dispomos de alguns lenços para realização da oficina e o reconhecimento de diversos tecidos para as amarrações de turbantes.

Durante a oficina, cada uma pode escolher um amarrado, conforme achando mais adequado ao tamanho e textura de seu lenço, conhecendo várias possibilidades de amarrações. Ao final, cada pessoa fez seu relato de como se sentiu, durante a atividade e o resultado foi que as participantes gostaram muito de se ver no espelho com turbante, destacando a beleza de cada uma.

Então, no dia 31 de janeiro de 2024, no Espaço de Arte e Cultura Bahobah, realizamos a 2ª edição da Roda de Conversa e Oficina de Turbantes, com a participação de 09 pessoas. Iniciamos com uma roda de conversa sobre a história dos turbantes em diversos povos, sua popularização na década de 50. Algumas integrantes comentaram que a mãe delas usavam, depois foram perdendo costume e entre as participantes tinha uma praticante de yoga e o tecido do turbante que ela trouxe era no modelo dos sikh, reafirmando que para essa cultura é usado o turbante para canalizar a energia durante a meditação. Durante a oficina ela também nos mostrou a forma de amarração que eles utilizam, depois ela quis aprender outras formas de amarrações dos turbantes. Uma experiência gratificante de trocas de conhecimentos entre as integrantes dessa atividade.

A partir das atividades desenvolvidas em espaços diferentes como escolas e espaços de cultura, foram importantes as trocas de conhecimento e incentivo ao de identidade e representação cultural, no caso, o uso dos turbantes como uma forma de romper preconceitos, integrar conhecimentos e, com as oficinas, incentivar as pessoas envolvidas a compartilharem a utilização do turbante em qualquer espaço onde esteja valorizando o sentido de representatividade, se engajando nessa luta contra o preconceito e antirracista.

6. Considerações finais

O estudo apresentado aborda o turbante como um elemento cultural rico em significados históricos, religiosos e sociais, destacando sua importância como símbolo de resistência e empoderamento, especialmente para a comunidade negra. A partir da análise do uso do turbante em diferentes contextos culturais e sua aplicação como ferramenta antirracista na educação, o trabalho evidencia a necessidade de reflexões profundas sobre o combate ao racismo estrutural e a valorização da diversidade cultural.

Ao trazer a perspectiva do turbante como um instrumento pedagógico, demonstra como ele pode ser utilizado para promover discussões sobre identidade, representatividade e respeito às culturas afro-brasileiras. As oficinas de turbantes realizadas em escolas e espaços culturais mostram-se como práticas eficazes para desconstruir estereótipos e preconceitos, além de fortalecer a autoestima e o reconhecimento da ancestralidade negra. Essas atividades permitem que os participantes vivenciem, de forma prática e sensível, a importância do turbante como um símbolo de resistência e conexão cultural.

Além disso, reforça a ideia de que a educação antirracista deve ser uma responsabilidade coletiva, envolvendo não apenas pessoas negras, mas também brancas, como destacado por autores como Djamila Ribeiro e Angela Davis.

A luta contra o racismo exige o reconhecimento dos privilégios da branquitude e a atuação ativa de todos os indivíduos na desconstrução de práticas discriminatórias. O turbante, nesse sentido, torna-se um elemento catalisador para essas discussões, ao mesmo tempo em que resgata e valoriza a história e a cultura afro-brasileira.

As observações e relatos apresentados no artigo mostram que, apesar dos avanços, ainda há um longo caminho a percorrer no combate ao racismo e na valorização das culturas marginalizadas. O uso do turbante em espaços públicos e educacionais provoca reações diversas, muitas vezes carregadas de preconceito, o que reforça a necessidade de continuar promovendo ações educativas e culturais que visem à conscientização e à transformação social.

Por fim, no estudo sobre os turbantes percebo a importância de reconhecer o lugar de fala e a representatividade como ferramentas essenciais para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. O turbante, como símbolo de resistência e

empoderamento, serve não apenas como um acessório, mas como um instrumento de luta e transformação, capaz de romper barreiras e promover o respeito à diversidade cultural.

A educação antirracista, aliada a práticas pedagógicas inovadoras e sensíveis, como as oficinas de turbantes, mostra-se como um caminho promissor para a construção de uma sociedade mais inclusiva e consciente de suas raízes e pluralidades.

Referências Bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O Perigo de uma História Única. Tradução: Júlia Romeu, São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. Racismo Estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, Coleção Feminismos Plurais, coordenação Djamila Ribeiro. 2019

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016. FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

HOOKS, bell. 1952. Ensinando comunidade: Uma pedagogia da esperança. tradução Kênia Cardoso, São Paulo: Ed. Elefante, 2021.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge "Zahar" Ed. 1986.

LEVENTON, Melissa. História ilustrada do vestuário. São Paulo, Publifolha, 2009.

RIBEIRO, Djamila. Pequeno Manual antirracista. 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? São Paulo: Pólen, 2019. Coleção Feminismos Plurais.

SOUZA, Marina de Mello e. África e o Brasil Africano. 1ª ed. - São Paulo: Ática, 2014.

PEREIRA, Gabriele Costa. **Turbantes: uma ferramenta antirracista**. Disponível em: https://www.copenesul2021.abpn.org.br/resources/anais/20/copenesul2021/1637117996_ARQUIVO_45d00eb6e452cd1b08f283ab14df6207.pdf , Acesso em: 23 set. 2023.

PORTAL Geledés. **Meu turbante é a minha coroa**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/meu-turbante-e-minha-coroa/> Acesso: 15 nov. 2024.

360° MERIDIANO . **Os Sikhs a religião dos turbantes**. Disponível em: <https://www.360meridianos.com/especial/sikhs-religiao-turbantes> Acesso em: 11 dez. 2024

. NEXO Jornal. **Keffiyeh: os significados do lenço que virou símbolo da Palestina**. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2024/06/07/keffiyeh-significado-lenco-palestino> Acesso em 03 fev. 2025.

Conheça a história do turbante. Canal preto. 27 ago.2019.(4min e 13s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hHuAsAKDR6w> Acesso em: 07 jun. 2023